



Os nomes dos mouros: a percepção das diferenças étnico-culturais das populações islâmicas em uma documentação castelhana do século XIII
The names of the Moors: the perception of the ethnic-cultural differences of the Islamic populations in a Castilian documentation of the 13th century
Los nombres de los moros: la percepción de las diferencias étnicas y culturales de las poblaciones islámicas en una documentación castellana del siglo XIII

Renata VEREZA¹

Resumo: O presente trabalho analisa a forma como os muçulmanos são representados, particularmente no cancionero mariano produzido por Alfonso X de Castela na segunda metade do século XIII (*Cantigas de Santa Maria*), com o objetivo de verificar se as diferenças étnico-culturais das populações islâmicas, tanto da Península Ibérica, quanto do Norte da África e Oriente se refletem na documentação. A partir disso procura-se verificar se é possível afirmar a ignorância por parte dos cristãos em relação às divisões internas do mundo islâmico ou se as ausências atendem a alguma pauta política específica.

Palavras-chave: Mouros – Alfonso X – Castela – *Cantigas de Santa Maria* – Século XIII.

Abstract: The present work analyzes how the Muslims are represented, particularly in the Marian songbook produced by Alfonso X of Castile in the second half of the 13th century (*Cantigas de Santa Maria*), in order to verify if the ethnic cultural differences of the Islamic populations, both of the Iberian Peninsula, and from North Africa and the East are reflected in the documentation. In addition, it seeks to ascertain whether it is possible to affirm ignorance on the part of Christians in relation to the internal divisions of the Islamic world, or whether missing information is due to the specific political agenda.

Keywords: Moors – Alfonso X – Castille – *Cantigas de Santa Maria* – 13th century.

ENVIADO: 15.11.2016

ACEPTADO: 01.12.2016

¹ Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF). *Internet*, <http://www.historia.uff.br/stricto>. Membro do *Translatio Studii*, núcleo de pesquisa *Dimensões do Medieval*. E-mail: renata.vereza@gmail.com



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Llull. Seventh centenary
Ramon Llull. Séptimo centenario
Ramon Llull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

A temática das relações entre os mundos cristão e islâmico não só é atual, mas como sua história explica boa parte da nossa atual aproximação da questão. No tocante à história medieval ibérica essa temática se torna inevitável, em um momento ou outro, em função do longo período de coabitação do espaço peninsular por estas duas sociedades. Os oito séculos do Islã ibérico (*al-Andalus*) que compreendem os outros tantos séculos de Reconquista², movimento de expansão feudal cristã sobre este Islã, geraram uma intensa convivência entre os elementos destas culturas. Convivência essa que é possível qualificar como tanto profícua quanto conflituosa.

Mesmo que o foco de muitos pesquisadores seja especificamente a sociedade medieval cristã ibérica, o entendimento deste “outro” islâmico, “outro” que não é um todo homogêneo, é fundamental para perceber a própria construção das estruturas sociais da cristandade peninsular.

Recentemente, em conferência realizada durante um colóquio sobre a herança berbere (*amazigh*) na Península Ibérica³, Hermegildo Fernandes (Universidade de Lisboa) fez importante observação referente às diferentes origens e etnias dos mulçumanos que circulavam na Península. Defendeu o professor que os cristãos ibéricos, ao menos até o século XII, tinham ciência dessas diferenças e que elas eram explicitadas na forma como eram designados os muçulmanos na documentação. Tomou como base a *Chronica gothorum*, texto construído entre os séculos XII e XIII, no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.⁴ Versando sobre a história portuguesa desde a chegada dos godos até a formação do reino, é nitidamente derivada de textos dos séculos XI e XII. Assim, a crônica para além do designativo mouro, utilizaria também outros termos, tais como: bárbaros, moabitas, sarracenos e árabes.

Indica que já entrado o século XIII, as fontes cristãs não explicitam mais as diferenças étnico culturais entre os muçulmanos, uma vez que as fontes não mostram mais as

² Para o conceito de Reconquista aqui utilizado, veja GONZALES GIMENEZ, M. “*Sobre la ideología de la Reconquista memoria, mito y realidad en la Historia Medieval*”, XIII Semana de Estudios Medievales. Nájera: Instituto de Estudios Riojanos, 2003, pp. 151-170; MINGUEZ, José Maria. *La España de los siglos VI al XIII*. San Sebastián: Nerea, 2004 e VEREZA, R. *Reconquista: Guerra Santa ou expansão militar*. In: I Encontro de História Militar antiga e Medieval, 2011, Rio de Janeiro. Anais do 1º Encontro de História Militar Antiga e Medieval. Rio de Janeiro: CEPHiMEEx, 2011. p. 40-53.

³ *Colóquio Internacional A herança Amazigh na Península Ibérica*. Realizado pelo IEM – FCSH/Nova, em Lisboa, nos dias 22 e 23 de setembro de 2016. *Internet*, <http://iem.fcsh.unl.pt/section.aspx?kind=noticia&id=1021>.

⁴ A versão utilizada foi a editada por Enrique Flórez. *España Sagrada, XIV*, Madrid, 1796. Mas outra versão está disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k927603/f11.image>



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Lull. Seventh centenary
Ramon Lull. Séptimo centenario
Ramon Lull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

diferenças identitárias, a palavra mouro que, a princípio, seria um termo utilizado para designar as populações oriundas do noroeste norte Africano, sendo, portanto, um termo que carrega referências à marcos geográficos, passa a ser utilizado amplamente para todos os muçulmanos, independente de origem ou etnia.⁵

Estas observações me levaram a revisitar meus primeiros estudos, onde buscava verificar e analisar os estereótipos com os quais os muçulmanos eram representados na documentação cristã castelhana do século XIII⁶. A motivação, então, que norteou este revisitar foi a de verificar se as diferenças entre os designativos, tal qual Hermenegildo Fernandes apresentara para o caso da *Historia gothorum*, apareciam com tanta variedade nesta documentação e se se remetiam à ciência, por parte dos cristãos ibéricos medievais, acerca das diferenças étnico culturais da população islâmica, tanto peninsular quanto em geral.

O que me pareceu válido e um caminho metodológico capaz de verificar essa hipótese foi comparar os designativos utilizados em todas as aparições dos muçulmanos na documentação com a respectiva ambientação destas. Isto é, verificar se havia correlação entre o nome utilizado para designa-los e o referencial geo-espacial de suas origens.

Boa parte da pesquisa original consistia em levantar em um conjunto documental, com claro protagonismo das *Cantigas de Santa Maria*⁷ e das *Siete Partidas*⁸, todos os adjetivos, advérbios, verbos... enfim, todos os termos usados ou relacionados aos muçulmanos

⁵ Segundo o *Diccionario de la lengua Española – Real Academia Española* (RAE), a palavra *moro* deriva da palavra latina *mauros* que, por sua vez, deriva da palavra grega para *escuro*. Era o termo que era utilizado para os habitantes da região do Império Romano relativa à Mauritânia. *Internet*, <http://dle.rae.es/?id=PqZDbAp>.

⁶ Refiro-me a dissertação de mestrado intitulada *Visões do inimigo: Imagens de mouros em Castela no século XIII*, defendida em 01/09/1998, no Programa de Pós Graduação em História Social, da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, em parte publicada em VEREZA, R. *Espaços de interação, espaços de conflito: a representação sobre os muçulmanos em Castela no século XIII*. Revista do Mestrado de História (Universidade Severino Sombra), v. 11, p. 85-100, 2009.

⁷ A versão utilizada foi a estabelecida por METTMAM, W. *Cantigas de Santa Maria*. Madrid: Castália, 1986-89. Doravante seguiremos somente utilizando o número das cantigas como referência, pois em todas as edições em circulação a numeração destas é a mesma. Ver também <http://csm.mml.ox.ac.uk>.

⁸ Código legislativo bastante extenso promulgado no século XIII pelo rei Alfonso X de Castela, mas que, no entanto, somente entrou em vigor no século XIV. SANCHEZ-ARCILLA, J., "La obra legislativa de Alfonso X el sabio: historia de una polémica", Scriptorium alfonsí, de los libros de astrología a las "Cantigas de Santa María", coord.por Ana Domínguez Rodríguez, Jesús Montoya Martínez, 1999, págs. 17-8



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Llull. Seventh centenary
Ramon Llull. Séptimo centenario
Ramon Llull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

constantes nas fontes, para assim definir o campo semântico no qual eram inseridos pela representação documental. O corte nítido era o século XIII e a unidade espacial era dada pelo reino castelhano. Não me ocorreu naquela altura, meados dos anos 90, verificar os diferentes designativos para os muçulmanos e tratei-os como sinônimos. Após a advertência, voltei à documentação principal utilizada naquele momento com este novo questionamento.

As *Siete Partidas*⁹, como grande código legislativo castelhano do século XIII, trata de um sem fim de matérias e no sétimo livro, onde legisla sobre todo tipo de crime, aparecem os *moros*. Logo junto aos títulos dedicados aos judeus (título 24) e aos hereges (título 26), o título 25 trata “De los moros”. Neste título, logo de início, as leis fazem sinonímia entre o termo *moro* e o termo *sarraceno*. Termo este que na sua aceção primeira seria derivado do latino *sarraceni*, significando originalmente habitantes do deserto.¹⁰

Sarracenus en latin tanto quiere decir en romance como moro, y tomo esse nombre de Sarra, ‘Sara’, que fue mujer libre de Abraham, aunque el linaje de los moros no descendiese de ella, mas de Agar que fue su servienta.¹¹

Curioso perceber que o texto alega que a palavra *sarraceno* deriva de Sara, mulher de Abraão, mas que a verdadeira descendência dos mouros é Agar, a escrava com quem o mesmo teve um filho, sendo, portanto, os muçulmanos os irmão ilegítimos dos judeus. Não por acaso, ambos são considerados bastante nocivos ao mundo cristãos e esse seu alegado parentesco confirma isso. Outra curiosa confusão acontece quando o texto diz que os samaritanos são um tipo de mouro. Contudo, o texto não explicita o porquê dessa associação e, apesar das inúmeras especulações sobre esse grupo, não é possível encontrar a linha de raciocínio dessa associação.

Apesar de curiosa, termina por aí a diversidade de termos utilizada para designar os muçulmanos. Contudo, e mesmo que os termos utilizados remetam a diferentes espaços geográficos, *sarraceno* mais explicitamente relacionado à Península arábica e samaritano a região do atual Oriente Médio, a fonte não parece fazer distinção destes termos, Isto é, as leis se remetem indistintamente dos muçulmanos, usam esse termos de forma genérica, tanto mais se considerarmos que ela legisla principalmente sobre os

⁹ ALFONSO X. *Lãs siete Partidas. El libro del fuero de las leyes*. Ed .de José Sánchez-Arcilla Bernal, Madrid: Reus, 2004.

¹⁰ Segundo o *Diccionario de la lengua Española de la Real Academia de Española* (RAE). Internet, <http://dle.rae.es/?id=XJxU65I>.

¹¹ Partida VII, título 25, ley 1.



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Lull. Seventh centenary
Ramon Lull. Séptimo centenario
Ramon Lull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

muçulmanos que ficaram sob a dominação cristã (mudéjares), em sua maioria ibéricos ou norte africanos.

Frustrada a investida inicial, as *Siete Partidas* não nos permitiram dizer que os cristãos dos trezentos categorizavam os muçulmanos pela sua origem ou etnia, ou sequer que tinham uma percepção clara das diferenças étnico culturais dentro no mundo islâmico. Os termos, mesmo diferentes, homogeneizam o conjunto dos *moros*. Restam assim as *Cantigas de Santa Maria* (CSM), que com toda a sua diversidade possa talvez mostrar um caminho.

Estas “Cantigas” formam um conjunto documental riquíssimo, não somente pelo seu teor, mas por conta da diversidade das suas origens. Coligida na segunda metade do século XIII a mando de Alfonso X de Castela, o cancionero apresenta um conjunto de 420 cantigas dedicadas a Santa Maria. Mesmo tendo um conjunto de cantigas compostas especialmente para integrar o cancionero, muitas das quais teriam sido inclusive compostas pelo próprio Alfonso, boa parte foi composta a partir da recolha do repertório popular e de outros cancioneros contemporâneos e apresenta diversidade de formatos, temáticas, temporalidades e situações¹². O que as unifica são os relatos de milagres da Virgem e a opção pelo galaico português como língua poética (mesmo q o registro da língua galaica também seja bastante diverso). Isto é, o objetivo foi reunir um conjunto de milagres de Santa Maria para que, segundo o próprio Alfonso, estes fossem utilizados como repertório das festas e procissões de seu reino.

Dentre os cancioneros que serviram de base para as CSM, o cancionero elaborado entre 1218 e 1228 pelo monge beneditino Gautier de Coincy (1177-1236), que recolheu uma série de lendas marianas difundidas na Idade Média, se sobressai¹³. Algumas lendas ou passagens constantes do *Speculum historiale*, do frade dominicano Vicent de Beauvais (c. 1190-1264), reaparecem em algumas cantigas¹⁴, bem como da obra do monge Nigel de Longchamps (†c. 1200), que escreve seu *Speculum stultorum* no final do século XII¹⁵.

¹² METTMANN, *op cit.*, e SCARBOROUGH, C., “Recente scholarship on the Cantigas de Santa Maria”, ALCANATE, Revista de Estudos Alfonsíes, n. 2, 2000-2001, pp. 263-270, internet, <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=259583>

¹³ MARULLO, Teresa. “Observazione sulle cantigas di Alfonso X e suis miracles de Gautier de Coincy”. In: *Archivum romanicum*, 18 (1934), p. 495-540.

¹⁴ PARKINSON, S., JACKSON, D. “Putting the Cantigas in Context: tracing the sources of Alfonso X's Cantigas de Santa Maria”. In: *International Congress on Medieval Studies, Kalamazoo*, 7 May 2005, pp. 1-15.

¹⁵ MANN, G., DRONKE, P. *Nigel of Longchamp*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Llull. Seventh centenary
Ramon Llull. Séptimo centenario
Ramon Llull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

Assim, a partir da construção deste corpus documental, da sua destinação e da sua possível circulação (o que pode ser inferido pelos diferentes manuscritos preservados) o que se postula é que se trata de um documento que, além de representar o discurso oficial, é passível também de ser entendido como documento que expressa, ou pretende expressar, em boa parte o “senso comum”. Não somente porque em parte advém dessa tradição citada, mas por que tem intenção obter certa penetração popular.

Dentre a miríade de milagres, ou cantigas, das CSM, 52 citam diretamente os muçulmanos em suas narrativas e não obstante sigamos o nosso fio da meada, há ainda uma questão que é importante ressaltar. Mesmo sendo a situações onde os muçulmanos aparecem diversas, estas são sempre invariavelmente situações de conflitos. E entendido conflito aqui não somente como as situações explícitas de violência, tal qual nos campos de batalha, escaramuças e razias, mas sim como todo tipo de conflito possível, principalmente no ambiente de convivência cotidiana. Desta forma, os muçulmanos que aparecem como personagens de nosso cancionero podem ser guerreiros, reis, cativos, trabalhadores, etc.

Isto é, o mouro aqui retratado não atende a um único estereótipo padrão (mesmo que sempre sejam retratados a partir de estereótipos): o mouro que se combate no campo de batalha. Mesmo que o tipo mouro guerreiro tenha primazia, vários casos de contato se dão entre personagens que compartilham do cotidiano, quer do mundo cristão, quer do mundo islâmico. Contudo, salvo uma exceção, os encontros pressupõem sempre certo grau de conflito e de violência, caracterizada de forma mais acentuada no lado muçulmano.

Exacerbando as situações de conflito os verbos utilizados para as ações impetradas por estes muçulmanos são sempre verbos que denotam certa agressividade: roubar, matar, ferir, gritar, atacar. Outra constante é que os muçulmanos são sempre designados como tal e mesmo que nem sempre sejam nomeados diretamente (e, portanto, passíveis de identificação) sua confissão religiosa sempre fica explicitada, tanto pela palavra mouro, campeã entre todas, mas também por um conjunto de adjetivos muito pouco elogiosos. *Increús* (infiéis) antes de tudo, são também *sandeos* (loucos), *sannudos* (com muita sanha), bravos, atrevidos, advogados ou cães do demônio, falsos e barbudos. Este último muito recorrente e sinal exterior de um padrão cultural que, ao que parece, identifica para os ocidentais os de fé islâmica até hoje.

Mas dentre essas múltiplas representações do muçulmano é possível verificar a percepção por parte dos cristãos sobre as diferenças étnicas-geográficas dos



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Lull. Seventh centenary
Ramon Lull. Séptimo centenario
Ramon Lull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

muçulmanos? Em um primeiro olhar não. Ou ao menos essa percepção não fica explicitada nas palavras utilizadas para designá-los. Ou melhor dizendo, na palavra. Ao contrário do pequeno título das *Siete Partidas*, as CSM usam invariavelmente a palavra mouro para nomear todos os muçulmanos que aparecem nas 52 cantigas. Mas isso também não significa por antonímia que não tivessem a dimensão de imensas diferenças no interior da sociedade islâmica.

Mas antes de explorarmos então o porquê da designação única, seria interessante explorarmos também essa representação do mouro e as diferentes temporalidades e espacialidades que aparecem nessa representação. Pois, se por um lado, os diferentes tempos e lugares permitem comprovar que mesmo usando a palavra mouro os cristãos estavam a tratar de grupos étnico-culturais distintos, os distintos espaços que servem de cenário permitem verificar que os referenciais geográficos não passavam despercebidos. A preponderância por apresentar narrativas contemporâneas às confecções das CSM e mesmo da sua audiência pretendida não impediu que algumas cantigas se remetessem a temporalidades muito distantes. Da mesma forma, o corte geográfico apesar de privilegiar santuários bem conhecidos na Península Ibérica do século XIII, permite muitos voos estrangeiros.

Um bom ponto de partida é a CSM 265, espaço temporalmente-distante, nos permite também falar das diferenças étnicas no seio da sociedade islâmica. A narrativa debruça-se sobre uma lenda sobre São João Damasceno na qual sua mão teria sido amputada por um califa no segundo quartel do século VIII¹⁶. A narrativa da cantiga se distancia da lenda original, mantendo somente a ideia da amputação que teria acontecido depois que ele foi feito cativo pelos “mouros” em Damasco, sua cidade natal, e levado para a Pérsia, onde foi vendido para um mouro rico¹⁷.

Mais pois cativou
de mouros, e levado foi en prijôn,
A Pérssia; e un mouro rico deu
por el séu aver, e ficou sérvo seu¹⁸

¹⁶ SABRE ANDREU, P. “*San Juan Damasceno, ‘Diálogo entre un sarraceno y un cristiano’*”, *Collectanea christiana orientalia* (CCO), nº 11, 2014, págs. 127-159.

¹⁷ MENEDEZ PIDAL, Gonzalo. *La Espana del siglo XIII leída en imágenes*. Madrid: Real Academia de la História: 1986.

¹⁸ CSM 265, tradução: Mas foi feito cativo de mouros e levado foi em prisão a Pérsia, e um mouro rico o comprou e ficou sendo seu servo.



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Llull. Seventh centenary
Ramon Llull. Séptimo centenario
Ramon Llull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

Lendas a parte, o império persa e boa parte do Próximo Oriente faziam já parte do Império Islâmico desde finais do século VII, sendo então Damasco a capital do califado Omíada. Se os cristãos do século XIII parecem não se preocupar em externalizar as diferenças étnicas, essas decisivas no mundo islâmico deste momento. A islamização, em especial, das elites dessas regiões, não permitiu um acesso imediato aos círculos de poder¹⁹. Os califas omíadas seguiam a tradição de somente permitir elementos árabes nos círculos mais restritos de poder. Prática essa que selou o destino dessa dinastia em 750, pois permitiu ascensão dos opositores Abássidas, que apesar de árabes acenaram com uma pauta de inclusão das elites conversas²⁰. Assim, não há dúvida que os mouros que aqui aparecem são árabes, persas ou sírios, mas a palavra mouro aparece aqui como um genérico para muçulmano.

O mesmo vale para a CSM 28, que se passa no mesmo período e na mesma região. Nela Santa Maria aparece ajudando a São Germano a defender Constantinopla de um ataque dos mouros.

De com' éu escrit' achei, pois que foi de crischãos
Costantinóbre, un rei, con óste de pagãos
vêo a vila cercar
mui brav' e mui sannudo, pola per força fillar
por seer mais temudo
[...]
daquel mour' atrevudo...²¹

Tomando como base o período do Patriarcado de Germano na cidade (714-730) é possível inferir que a cantiga trata do segundo cerco da cidade entre 717-718, comandado pelo príncipe omíada Maslama ben Abd al-Malik. Falamos aqui, portanto, de exércitos árabes (com a provável presença de persas e sírios) e mesmo que elementos norte-africanos possam ter composto os exércitos orientais, é neste momento em que está se dando a expansão sobre a Península Ibérica e provavelmente essa absorvia todos os efetivos norte africanos.

A CSM 264 também fala de mouros cercando Constantinopla e apesar de não ter elementos que permitam a datação, se remete a um dos cercos muçulmanos. Ambos,

¹⁹ VALLVÉ BERMEJO, J., “*Los Omeyas en Oriente*”, *História* 16, no.52, 1980, pp. 64-70.

²⁰ MANZANO MORENO, E. *Historia de las sociedades musulmanas en la Edad Media*. Madrid: Editorial Síntesis, 2014.

²¹ CSM 28, tradução: De como eu escrito achei, que a Constantinopla cristã, um rei muito bravo e sanhudo, que com hoste pagãs veio cercar a vila para ser mais temido [...] daquele mouro atrevido.



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Llull. Seventh centenary
Ramon Llull. Séptimo centenario
Ramon Llull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

tanto o de 674/678, quanto o de 717/718, forma feitos pelos comandados pelos mesmos Omíadas.

Contudo, não podemos pensar que os cristãos, especialmente Alfonso X, não estivessem atentos às diferenças no interior do mundo islâmico. Ao menos às diferenças políticas o rei dava total atenção. A CSM 165 relata como Santa Maria protegeu a vila síria de Tartus da crueldade do ataque do Sultão do Egito, Baybar Bundukdari, em 1268. Não é à toa que esse evento aparece. Em meio ao processo de sua candidatura ao trono do Sacro Império e o lançamento da cruzada africana (que poderia inclusive reafirmar sua legitimidade imperial), Alfonso se preocupava com a geopolítica de toda a região. Em 1259 havia já enviado uma embaixada ao sultanato mameluco (que dominava o Egito e a Síria), não somente para anunciar sua dignidade imperial, mas para tratar das questões referentes a terra Santa e dissuadir o sultão de interferir no Marrocos, para onde se destinava sua cruzada²².

Baybar, que havia chegado ao poder por um golpe de Estado, poderia representar uma ameaça, contudo, e mesmo tendo na cantiga o chamado de cruel e de dizer que *aos crishãos, desamava mais que al*²³, Alfonso sela com ele um acordo em 1270. Os interesses estratégicos e comerciais falaram mais alto ou a construção dos estereótipos, como sempre, não necessariamente dão conta do vivido. A história desta cruzada a África (que não aparece nessa cantiga) reforça a idéia de que os cristãos estavam perfeitamente a par das disputas internas do mundo muçulmano²⁴. E não somente Alfonso, Jaime I de Aragão condicionou seu apoio à cruzada ao resguardo completo da Tunísia. Jaime mantinha boas relações com o Sultão tunisiano Hasfid e não tinha interesse que se tornassem azedas em função das ações de seu genro²⁵.

Em outra cantiga, a CSM 181, é possível perceber a familiaridade das monarquias ibéricas e se suas aristocracias com a geopolítica norte africana. A cantiga narra como o sultão almôada teria sido protegido do ataque de seus rivais merínidas por uma bandeira da virgem que tropas cristãs que lutavam ao seu lado carregavam. A narrativa se refere ao cerco da capital Marrekeh em 1269 comandado pelo sultão Abu Yusuf.

Fremoso miragre desto / fez a Virgen groriosa

²² VALDEÓN BARUQUE, J. *Alfonso X el Sabio: la forja de la España moderna*. Barcelona: RBA, 2006

²³ CSM 165

²⁴ O' CALLAGHAN, J. *The Gibraltar Crusade: Castile and the Battle for the Strait*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2011.

²⁵ AYALA MARTÍNEZ, C. *Directrices fundamentales de la política peninsular de Alfonso X: relaciones castellano-aragonesas de 1252 a 1263*. Madrid: Aldecoa, D.L. 1986.



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Lull. Seventh centenary
Ramon Lull. Séptimo centenario
Ramon Lull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

na cidade de Marrócos, / que é mui grand' e fremosa,
a un rei que éra ende / sennor, que perigoosa
guerra con outro avía, / per que gran mestér ajuda

Pero que seja a gente / d' outra lei e descreúda...

Avía de quen lla désse; / ca assí com' el cercado
jazía dentr' en Marrócos, / ca o outro ja passado
éa per un grande río / que Morabe é chamado
con muitos de cavaleiros / e mui gran gente miúda.²⁶

Neste momento os combalidos Almôadas lutavam para manter o poder frente a nova dinastia em ascensão, os Merínidas. Lá e cá, todos são tidos como mouros. A diferença é que os que estão no partido contrário ao que a virgem atua são chamados de *gente, dessa fea e barbuda* (gente, desse tipo feia e barbuda)²⁷.

Contudo, além que repercutir as intempéries políticas norte africanas (a relatada é bastante contemporânea as CSM, indicando o acompanhamento atento da situação), também repercute as cristãs ibéricas. Os cristãos que aparecem lutando ao lado dos almôadas não são nem invenção nem exceção. Diversas milícias cristãs se formaram no Norte da África, quase sempre derivadas dos conflitos dentre a aristocracia cristã. Montoya Martinez crê, inclusive, que é possível identificar nesta cantiga a família dos Nunez de Lara, que haviam sido exilados pela monarquia castelhana em umas das muitas contendas entre a aristocracia e casa real²⁸. Não somente não era novidade, como a formação dessas milícias atendia também à lógica da relação entre as casas governantes. Enquanto o sultão marroquino recrutava mais em Castela e Leão, os reinos de Tunez eram espaços de albergue de milícias aragonezas, o que pode ser visto até mesmo nos brasões que aparecem nas iluminuras das CSM²⁹.

Já os merínidas, neste momento ainda afirmativo, somente estabeleciam relações com os granadinos. O mesmo Abu Yusuf aparece em outra cantiga (CSM 215) atacando

²⁶ Csm 181, Tradução: Um formoso milagre fez a virgem gloriosa na cidade de Marrocos, que é muito grande e formosa, a um rei que era então senhor, que perigosa guerra com outro (rei) tinha, motivo pelo qual precisa que lhe desse ajuda, pois jazia cercado dentro de Marrakesh, pois o outro já havia passado um grande rio, que Morabe é chamado, com muitos cavaleiro e muita gente miúda.

²⁷ CSM 181.

²⁸ MONTOYA MARTINEZ, Jesus. "El Frustrado Cerco de Marrakech (1261-1262)". In: *Cuadernos de Estudios, ciencias y Técnicas Historiográficas*, n. 8-9, 1983, pp. 183-192, Internet <http://digibug.ugr.es/bitstream/10481/30218/1/CEM-008-009.001-Art%C3%ADculo-005.pdf>

²⁹ ALEMANY, J. "Milícias cristianas al servicio delos sultanes de Almagreb", Homenagem a Cadera Codina, 1924, pp. 133-69.



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Llull. Seventh centenary
Ramon Llull. Séptimo centenario
Ramon Llull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

diversas localidades na fronteira cristã peninsular. A narrativa se refere ao episódio ocorrido em 1278, onde localidades andaluzas como Baeza e Jaén sofreram ataques destes mouros norte africanos, que tinham uma clara política expansionista.

E daquest' un gran miragre | vos direi, que na fronteira
mostrou i Santa María, | a Sennor mui verdadeira
quando passou Aboíucaf, | non da passada primeira,
mas da outra, e fez dano | grande daquela passada.³⁰

Montoya Martinez defende ainda, em outro artigo, que na CSM 135 a referência que aparece sobre um caballo de Çus, seria uma menção a Sus, localidade no caminho de Talilalt, oásis mais importante do Saara Marroquino, fundado pelos Almôadas e de onde vinha Abu Yusuf al-Mansur, que derrotara os exércitos castelhanos em Alarcos em 1195³¹. Na cantiga anteriormente analisada também aparece uma referência geográfica precisa acerca do rio onde acontece a batalha, bem como na CSM 271, onde a batalha se dá junto ao rio Azemour, no Marrocos.

Se os exemplos acima não permitem afiançar que os cristãos tinham ciência sobre as diferenças étnico culturais, possibilitam ao certo levantar a suspeita, pois demonstram que tinham pleno conhecimento da geopolítica de boa parte do mundo islâmico e a utilização do termo mouro para todos os muçulmanos atende a outras razões que não a ignorância.

Parece não haver também diferenciação na designação dos muçulmanos mesmo quando as CSM tratam daqueles que lhes são mais próximos, dos que vivem na Península. Isto é, tanto aqueles muçulmanos do, agora enclave, de Granada (e de outras localidades ainda em disputa na segunda metade do século XIII), quanto aqueles que haviam sido absorvidos no mundo cristão, aos quais chamamos de mudéjares, são tratados como mouros.

Assim, na CSM 328 a historia da mudança de nome de al-Qanatir para Puerto de Santa Maria (hoje Santa Maria del Puerto) é narrada com riqueza de detalhes, não somente sobre a sua localização, mas também sobre o conflito que gerou com os mouros

³⁰ CSM 215, tradução: E um grande vou contarei, que na fronteira mostrou Santa Maria, a senhora muito verdadeira, quando passou Abu Yusuf, não da primeira vez, mas da outra, e que grande dano naquela passada.

³¹ MONTOYA MARTINEZ, J. “Tres Toponimos en las antigas de Santa Maria”, *VERBA*, 6 (1979), pp. 17-24.



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Lull. Seventh centenary
Ramon Lull. Séptimo centenario
Ramon Lull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

residentes. Porto estratégico na baía de Cadíz, al-Qanatir foi tomada em 1260. Contudo, quase toda a região até o reino de Granada estava já como protetorado desde a conquista do reino de Sevilha mais de uma década antes³². Dentro do processo de repovoamento que visava garantir essa dominação, os novos ocupantes cristãos passam a chamar a localidade com o novo nome, ao que o aguazil de Jerez (cidade próxima, mas que só seria de fato ocupada em 1264-66) reaje com muita firmeza:

Sennor, com' ousa / seer null' óm' atrevudo
d' Alcanate, u pousades, / aver-ll' o nome cambiado
E ar dizer-ll' outro nome, /de que an gran desconórto
[...]
os mouros, porque lle chaman / Santa María del Pórto³³

O rei acaba por intereferi na situação, que lógico, será resolvida a favor dos cristãos.

Noutro conflito que acontece em Murcia, no contexto da revolta mudéjar de 1264, e é relatado na CSM 169, envolvendo os cristãos que passaram a povoar a cidade, os habitantes muçulmanos também são tratados indistintamente como mouros.

E daquest' un miragre / direi grande, que vi
des que mi Déus déu Murça, / e oí outrossí
dizer a muitos mouros/ que moravan ant' i
e tínnan a térra | por nóssa pecadilla..³⁴

Murcia havia entrado na zona de controle de Castela ainda na década de 1240, mas ao que parece Alfonso, que escreve na primeira pessoa nesta cantiga, diante das perturbações considerou que deveria ter sido mais duro com eles³⁵. Mais a frente na mesma cantiga, a indiferenciação entre os muçulmanos segue, mesmo demonstrando a ciência de que alguns vem do outro lado do Estreito.

Depois, quand' Aboíucaf, | o sennor de Çalé,

³² RAMÓN PENA, Xosé. “De Alcanate a Santa Maria do Porto: algunas reflexións acerca da fronteira nas Cantigas de Santa Maria”. In: *Actas del XI Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*. León: Universidad de León, 2007, pp. 37-48.

³³ CSM 328, tradução: Senhor, como ousa ser algum atrevido, de al-Qanatir, onde tens pouso, de haver mudado o nome. E ao dizer-lhe (ao rei) outro nome, do qual grande desalento tem os outros, por que lhe chamam Santa Maria do Porto.

³⁴ CSM 169, tradução: Direi aqui um milagre grande, que vi desde que Deus me deu Murcia, e ouvi dizer a muitos mouros que antes moravam ali e tinham a terra por nossa culpa.

³⁵ PRATS ROSELLÓ, R., “Alfonso X y la cantiga 169 de Santa María”. In: *Cuadernos del Tomás*, no. 4, 2012, 111-120, internet, <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4018436>



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Llull. Seventh centenary
Ramon Llull. Séptimo centenario
Ramon Llull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

passou con mui gran gente, | aquesto verdad' é
que cuidaron os mouros, | por eixalçar sa fé,
gãar Murça per arte.³⁶

Os merínidas norte africanos fazem sua aparição na cantiga atuando conjuntamente com os andaluzes em uma região onde, mesmo antes da sua chegada, já tinha relações de fronteira por demais complexas. Por isso mesmo Jaime I de Aragão apareça na cantiga, pois como ficava ao sul de sei território, as sublevações neste espaço poderiam incentivar movimentos semelhantes nas comunidades muçulmanas de Valencia. Talvez por isso sua intervenção tenha sido tão firme, motivação ainda mais premente do que a expansão dos seus territórios³⁷.

O mesmo vale para os muçulmanos que não gozam de autonomia na sociedade cristã, pois tem o estatuto jurídico de escravos. A escravidão nesses espaços de fronteira são verdaderas emrpesas, não somente a que pretende cativar, mas aquela que atua no sentido de libertar os cativos. Dentre os acordos da Coroa Castelhana com o reino de Granada, está a cláusula que previa o resgate de um número determinado de cativos cristãos por ano, resgate esse feito as expensas, lógico, dos granadinos³⁸. Do lado cristão a situação não era diferente, muitos muçulmanos cativados, quer nas batalhas, quer nas escaramuças de fronteira, são utilizados nos trabalhos domésticos. Estes aparecem em várias cantigas, tratados indistintamente como mouros, somente sendo indicado que se tratam de cativos.

En Conssógr' avía
un bon óm' atal
que Santa María
amava mais d' al,
e mui gran perfía
por ela prendía
sempre cada día,
com' oí dizer,
con un d' Almaría
mouro, que dizia
que ren non valía
o séu gran poder.

³⁶ CSM 169, tradução: Depois quando Abu Yusuf, senhor de Salé, passou com muita gente, verdade é, que os mouros intencionaram para exaltar sua fé, ganharr a Murcia através de um ardil.

³⁷ PRATS ROSELLÓ, R., “Alfonso X”, *op. cit.*

³⁸ GONZÁLEZ JIMENEZ, Manuel. “La frontera de Granada. Tres siglos de paz y de guerra”. In: *Murgetana*, n. 130, 2014, p. 17-28. *Internet*, <http://www.regmurcia.com/docs/murgetana/N130/N130-02.pdf>.



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Lull. Seventh centenary
Ramon Lull. Séptimo centenario
Ramon Lull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

Muitas vegadas o dém' enganados...

Aqueste mour' éra
daquel óm' e séu
cativo, e féra-
ment' éra encréu;³⁹

Não é diferente o tratamento dado aos muçulmanos peninsulares que não estavam diretamente sob a dominação cristã. A CSM 185 relata o que seria um ardil entre um castelão mouro, que tem relações de amizade próxima com um castelão cristão, e o rei mouro de Granada para conquistar um castelo na fronteira deste reino que estaria em mãos cristãs. Situação ocorrida ainda no contexto das sublevações de 1264-65, não somente demonstra a instabilidade da fronteira, mas, como outras acima, da dificuldade das relações entre os elementos das diferentes culturas. A situação em si não é esdrúxula, como bem demonstra Alcântara Valle, apesar dos reinos de Granada e Castela terem esgotado as possibilidades de acordo após as revoltas, a situação de fronteira previa inúmeros arranjos⁴⁰. Como este, abundam exemplos de cantigas com narrativas que tratam dos muçulmanos de al-Andalus de forma genérica, tanto aqueles que gozam do estatuto de mudéjares, quanto os granadinos ou os norte-africanos como vimos acima.

Dentre todas as cantigas, não só as aqui citadas, mas todas as 52 onde os mouros aparecem (muitas das quais omitimos para que a exposição não ficasse por demais exaustiva), em somente três a diferença entre os mouros de da Península e do Norte da África são explicitadas. Em duas delas nenhuma referência étnico cultural é feita, apesar de o contexto nos permitir afirmar que Alfonso X tratava claramente do merínidas. Vejamos: na CSM 385 narra como Santa Maria do Porto ajuda os seus *Pera guerrejar os mouros; d' Espann' e os afrições* (para guerrear os mouros, da Espanha e os africanos). O Porto de Santa Maria, como acima dito, só foi conquistado em 1260, jogando este relato para um período posterior a essa data, quando então, o merínidas de Fez já ofereciam ameaça, não somente no norte da África, mas em território andaluz em função do apoio dado ao reino de Granada. Os Almôadas formalmente ainda existiam, apesar de somente terem poder efetivo sobre a capital Marrakesh, sendo impossível assim serem

³⁹ CSM 192, tradução: Em Consuegra havia um tão bom homem, que Santa Maria amava mais que tudo e grande perfídia por ela tinha, sempre a cada dia, como ouvi dizer, um mouro de Almeria, que dizia que seu pode não nada valia, [...] Aquele mouro era cativo deste homem e era ferozmente infiel.

⁴⁰ ALCÁNTARA VALLE, J. M., “La guerra y la paz en la frontera de Granada durante el reinado de Alfonso X”. In: *HID*, 42 (2015), pp. 11-58, *internet*, [file:///C:/Users/renata/Downloads/Dialnet-LaGuerraYLaPazEnLaFronteraDeGranadaDuranteElReinad-5314402%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/renata/Downloads/Dialnet-LaGuerraYLaPazEnLaFronteraDeGranadaDuranteElReinad-5314402%20(1).pdf).



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Lull. Seventh centenary
Ramon Lull. Séptimo centenario
Ramon Lull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

considerados ameaça em solo ibérico, não deixando dúvidas, portanto, de quais norte-africanos trata esta cantiga.

Como bem lembra Molina Lopez, a situação de Granada é particular⁴¹. Debatia-se entre os mundos que a atazanavam. Por um lado, Castela, ao Norte, e por outro os Estados muçulmanos magrebinos, ao Sul. Castela pressionou de todas as formas, absorveu numerário em forma de parias e avançou sobre o território granadino de forma mais ou menos explícita. Da mesma maneira a presença norte africana em solo peninsular, especialmente destes merínidas, mesmo que variável em tempo e intensidade, aportou novos elementos na rede de relações entre estes entes políticos em um cenário político instável.

Seguindo nesse contexto, a CSM 401 faz a mesma diferenciação. Nela Alfonso X pede a Virgem que lhe ajude a derrotar os mouros de ultramar (*e que contra os mouros, que terra d' Ultramar, iêen e en Espanna, gran part' a méu pesar, me dé poder e força pera os ên deitar*). Essa cantiga, diferente das outras aqui apresentadas, tem a forma de petição à Santa Maria. Composta já bem no final de sua vida (1284), pode ser considerada como um testamento do rei onde expressa seus temores e os feitos pelo qual deve receber a salvação. Assim, é natural que reflita também a intensas crises do momento⁴².

Por fim, e deixada propositalmente para o final, a única cantiga onde uma referência, aliás, bastante precisa, sobre a origem étnica dos oponentes pode ser identificada: A CSM 366, que descreve que Alfonso X havia guerreado com os mouros de Granada e com *outros muitos genetes que d' África i passaran* (e muitos outros ginetes que da África para ai passaram). Montoya Martinez, seguindo também diversos outros autores, demonstra como a voz ginete, deriva do amazigh *zenet*, é nome da tribo a qual pertencem os merínidas. Os guerreiros desta tribo usavam estribos e lanças curtas, o que lhas dava maior mobilidade no combate. Por isso, mais tarde, a palavra contemporânea, tanto em português quanto em espanhol, passou a ser utilizada para essa cavalaria ligeira. O próprio Mettmman, em seu glossário a edição das CSM, atribui o significado de cavaleiro africano a voz genete. Contudo, como única exceção, essa cantiga vem para confirmar a regra, não há diferenciação nos designativos utilizados para todos os muçulmanos, mas, ao mesmo tempo, confirma também a hipótese levantada que de os

⁴¹ MOLINA LÓPEZ, E., “El emirato nazarí de Granada El último bastión del Islam andalusí”. In: *Andaluzia en la História*, Dossiê, ano XII, no. 40, 2013, pp 12-17.

⁴² GREGÓRIO, D. “La pitiçion, el outro testamento de Alfonso el Sábio”. In: *Actas del XVI Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas: Nuevos caminos del hispanismo*. Paris: Iberoamericana, 2010, pp. 40-56.



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Llull. Seventh centenary
Ramon Llull. Séptimo centenario
Ramon Llull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

cristãos, atentos a geopolítica regional, tinham plena ciência das diferenças entre eles, inclusive étnicas e tribais.

Mas se insistimos nessa ciência, temos então que busca explicar o porquê de ela não ser explicitada na documentação que elegemos aqui como preferencial, as *Cantigas de Santa Maria*. A explicação reside por um lado na própria natureza e propósito das CSM e, noutro, nos objetivos políticos alfonsinos. Como já foi defendido anteriormente, as Cantigas são fruto de um processo de recompilação, reinterpretação e geração de novo material⁴³. Processo longo, de muitos anos, que foi sendo modificado, alargado e redimensionado, vide o fato de incorporar, principalmente nas cantigas finais, a conjuntura do momento em suas narrativas. Essa metodologia de composição pressupunha também certa formatação e padronização dos elementos presentes no cancionero. Mesmo aquelas cantigas que não foram especialmente compostas para as CSM e que são absorvidas de outras fontes passam por esta formatação. O que se expressa, para além da devoção régia a Santa Maria (da qual seu testamento é testemunha), é um conjunto de valores e idéias que Alfonso tinha intenção de ver circular.

O reinado de Alfonso, longe de ser tranquilo, foi preenchido por conflitos interno e externos. Internamente sofreu diversos ataques pessoais. Tinha diante de si uma nobreza instável, como de resto o era toda a nobreza feudal, e ao sabor dos diferentes acordos enfrentou duas grandes revoltas nobiliárquicas, em 1255 e depois em 1276/77⁴⁴.

O projeto da Reconquista sequer estava perto de estar concluído. A autonomia do reino de Granada talvez seja o mais emblemático, mas a revolta mudéjar de 1264 demonstrou que não só a Andaluzia, mas também o reino de Murcia, não estavam de fato dominados⁴⁵. Expulsar todos os mudéjares da Andaluzia e manter o controle sobre esse território exigiu mais um esforço de reorganização sócio econômica em um reino que já dava mostras de não conseguir atender. Diversas cidades conquistadas décadas antes ainda sofriam com o sub povoamento, vide o caso de Jerez, Sevilha ou Córdoba. O reino de Murcia só foi dominando com a ajuda dos aragoneses, que ainda deslocaram milhares de povoadores para garantir a dominação. Granada, como expresso diversas

⁴³ FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Laura. “Los manuscritos de las *Cantigas de Santa María*: definición material de un proyecto régio”. In: *ALCANATE*, VIII (2012-2013), p. 81-177. Internet, http://institucional.us.es/revistas/alcanate/8/art_4.pdf.

⁴⁴ GONZÁLEZ JIMÉNEZ, M., “Alfonso X y Andalucía”. In: *Alfonso X el Sabio, vida, obra y época: actas del Congreso Internacional*. Madrid: Sociedad Española de Estudios Medievales, 1989, pp. 259-268.

⁴⁵ MOLINA LÓPEZ, E., “El emirato nazarí”, *op. cit.*



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Llull. Seventh centenary
Ramon Llull. Séptimo centenario
Ramon Llull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

vezes aqui, era a pedra no calcanhar e se somava as ameaças que, dinastia após dinastia, vinham no norte africano.⁴⁶ Não bastasse essa conjuntura, as aspirações alfonsinas não eram desprezíveis também nessa matéria. Como anuncia na CSM 169, Maomé nunca terá poder sob uma igreja e *demais [ele] conquerrá, Espanna e Marrócos, e Céta e Arcilla* (e ademais ele conquistará, Espanha, Marrocos, Ceuta e Algeciras)⁴⁷.

Diante de planos tão ousados, Alfonso precisava se confirmar como eleito de Deus e protegido da Virgem. Assim, o mouro entra aqui não somente como seu oponente, mas sim da Cristandade. Não importa o mouro, não importa a origem. Importa estabelecer o contorno desse oponente, contorno forte, diga-se de passagem, que atravessa a historia como ameaça, vide as cantigas que resgatam os cercos de Constantinopla. Alfonso como o defensor preferencial da Virgem, pode se colocar como defensor preferencial desta mesma Cristandade. Sem dúvida que não só as cantigas que falam dos mouros que querem construir esse retrato, mas estes têm um papel importante no esquema de representação política construído pelo rei. Os relatos dos sucessos neste combate permitem ao rei sábio pintar de si também um retrato de guerreiro (imagem sempre a sombra de seu pai).

Contudo, esse retrato de defensor da Cristandade contra o perigoso e ancestral inimigo mouro (qualquer que seja ele e todos eles juntos) não atende simplesmente a instintos auto laudatórios. A imagem, muito bem inserida no projeto alfonsino, ajuda a fortalecer a candidatura ao trono do Sacro Império, outro projeto tão ambicioso quanto frustrado do rei e para o qual a ajuda do Papado era fundamental.⁴⁸ Não esqueçamos também que as fronteiras entre os reinos cristãos ainda não estavam plenamente estabelecidas, em especial a fronteira meridional com Portugal. Ser o grande patrono da Reconquista também possibilitaria reivindicar essas terras em disputa mais ao sul do reino luso. Não a toa os milagres passados nas terras “portuguesas” aparecem com mais recorrência nas cantigas finais e grande parte situados no Algarve, em localidade bem na fronteira com

⁴⁶ GONZÁLEZ JIMÉNEZ, Manuel. “La frontera de Granada. Tres siglos de paz y de guerra”. In: *Murgetana*, n. 130, 2014, p. 17-28. *Internet*, <http://www.regmurcia.com/docs/murgetana/N130/N130-02.pdf>.

⁴⁷ GONZÁLES GIMÉNEZ, M., “Algeciras en la encrucijada de la Batalla del Estrecho (siglos XIII y XIV)”. In: *Boletín de la Real academia Sevillana de Buenas Letras: Minervae Baeticae*, N° 40, 2012, pp. 453-464.

⁴⁸ KLEINE, Marina. “El carácter propagandístico de las obras de Alfonso X”. In: *De Medio Aevo*, vol. 2, n. 2 (2013), p. 10-23. *Internet*, <http://www.capire.es/eikonimago/index.php/demedioaevo/article/view/87/127>.



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Lull. Seventh centenary
Ramon Lull. Séptimo centenario
Ramon Lull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

Castela.⁴⁹ Fronteira essa que só foi estabelecida em definitivo entre Alfonso e Afonso III de Portugal pelo tratado de Badajoz, em 1267.

Desta forma, cremos ser viável afirmar que os diferentes mouros que aparecem nas CSM são todos um só: o oponente. A indeferenciação, longe de significar ausência de entendimento sobre as diferenças étnico culturais, tribais ou de origem, atende a uma pauta específica dentro do projeto político alfonsino. A intenção de fazer o conteúdo da obra circular, expressa literalmente nela mesma e no testamento real, indica o caráter também propagandístico e a intenção de difundir uma determinada imagem do *rei sábio*, imagem na qual os mouros tem função bem definida.

Fontes

Diccionarios da RAE <http://dle.rae.es/?id=PqZDbAp>.

Cantigas de Santa Maria <http://csm.mml.ox.ac.uk>.

Siete Partidas <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k927603/f11.image>

Bibliografia

- ALCÁNTARA VALLE, J. M., “La guerra y la paz en la frontera de Granada durante el reinado de Alfonso X”. In: *HID*, 42 (2015), pp. 11-58. *Internet*, [file:///C:/Users/renata/Downloads/Dialnet-LaGuerraYLaPazEnLaFronteraDeGranadaDuranteElReinad-5314402%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/renata/Downloads/Dialnet-LaGuerraYLaPazEnLaFronteraDeGranadaDuranteElReinad-5314402%20(1).pdf)
- ALEMANY, J. “Milícias cristianas al servicio delos sultanes de Almagreb”. In: *Homenagem a Cadera Codina*, 1924, pp.133-69.
- ALFONSO X. *Las siete Partidas. El libro del fuero de las leyes* (ed. José Sánchez-Arcilla Bernal). Madrid: Reus, 2004.
- AYALA MARTÍNEZ, C. *Directrices fundamentales de la política peninsular de Alfonso X: relaciones castellano-aragonesas de 1252 a 1263*. Madrid: Aldecoa, 1986.
- FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Laura. “Los manuscritos de las Cantigas de Santa María: definición material de un proyecto régio”. In: *ALCANATE*, VIII (2012-2013), p. 81-177. *Internet*, http://institucional.us.es/revistas/alcanate/8/art_4.pdf.
- Flórez, E. *España Sagrada*, XIV, Madrid, 1796.
- GONZALES GIMENEZ, M. “Sobre la ideología de la Reconquista memoria, mito y realidad en la Historia Medieval”. In: *XIII Semana de Estudios Medievales*. Nájera: Instituto de Estudios Riojanos, 2003, pp. 151-170.

⁴⁹ PARKINSON, Stephen. “Santuarios portugueses en las *Cantigas de Santa Maria*”. In: *ALCANATE*, n. 1 (1998-99), p. 43-58. *Internet*, http://institucional.us.es/revistas/alcanate/1/art_3.pdf.



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Llull. Seventh centenary
Ramon Llull. Séptimo centenario
Ramon Llull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

- GONZÁLES JIMÉNEZ, M., “Algeciras en la encrucijada de la Batalla del Estrecho (siglos XIII y XIV”. In: *Boletín de la Real academia Sevillana de Buenas Letras: Minervae Baeticae*, N° 40, 2012, pp. 453-464.
- GONZÁLES JIMÉNEZ, M., “Alfonso X y Andalucía”. In: *Alfonso X el Sabio, vida, obra y época: actas del Congreso Internacional*. Madrid: Sociedad Española de Estudios Medievales, 1989, pp. 259-268.
- GONZÁLES JIMÉNEZ, Manuel. “La frontera de Granada. Tres siglos de paz y de guerra”. In: *Murgetana*, n. 130, 2014, p. 17-28. Internet, <http://www.regmurcia.com/docs/murgetana/N130/N130-02.pdf>.
- GREGÓRIO, D. “La pitiçion, el outro testamento de Alfonso el Sábio”. In: *Actas del XVI Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas: Nuevos caminos del hispanismo*. Paris: Iberoamericana, 2010, pp.40-56.
- KLEINE, Marina. “El carácter propagandístico de las obras de Alfonso X”. In: *De Medio Aevo*, vol. 2, n. 2 (2013), p. 10-23. Internet, <http://www.capire.es/eikonimago/index.php/demedioaevo/article/view/87/127>.
- MANN, G., DRONKE, P. *Nigel of Longchamp*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- MANZANO MORENO, E. *Historia de las sociedades musulmanas en la Edad Media*. Madrid: Editorial Síntesis, 2014.
- MARULLO, Teresa. “Observazione sulle cantigas di Alfonso X e suis miracles de Gautier de Coincy”. In: *Archivum romanicum*, 18 (1934), p. 495-540.
- MENEDEZ PIDAL, Gonzalo. *La Espana del siglo XIII leída en imágenes*. Madrid: Real Academia de la História: 1986.
- METTMAM, W. *Cantigas de Santa Maria*. Madrid: Castália, 1986-89.
- MINGUEZ, José Maria. *La España de los siglos VI al XIII*. San Sebastián: Nerea, 2004
- MOLINA LÓPEZ, E., “El emirato nazarí de Granada El último bastión del Islam andalusí”. In: *Andaluzja en la Historia*, Dossiê, ano XII, no. 40, 2013, pp 12-17.
- MONTOYA MARTINEZ, J. “Tres Toponimos en las Cantigas de Santa Maria”. In: *VERBA*, 6 (1979), pp. 17-24. Internet, https://minerva.usc.es/xmlui/bitstream/handle/10347/3558/pg_019-026_verba6.pdf?sequence=1
- MONTOYA MARTINEZ, Jesus. “El Frustrado Cerco de Marrakech (1261-1262)”. In: *Cuadernos de Estudios, ciencias y Técnicas Historiográficas*, n. 8-9, 1983, pp. 183-192. Internet, <http://digibug.ugr.es/bitstream/10481/30218/1/CEM-008-009.001-Art%C3%ADculo-005.pdf>
- O’CALLAGHAN, J. *The Gibraltar Crusade: Castile and the Battle for the Strait*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2011.
- PARKINSON, S., JACKSON, D. “Putting the Cantigas in Context: tracing the sources of Alfonso X's Cantigas de Santa Maria”. In: *International Congress on Medieval Studies*, Kalamazoo, 7 May 2005, pp. 1-15.
- PARKINSON, Stephen. “Santuarios portugueses en las Cantigas de Santa Maria”. In: *ALCANATE*, n. 1 (1998-99), p. 43-58. Internet, http://institucional.us.es/revistas/alcanate/1/art_3.pdf.
- PRATS ROSELLÓ, R., “Alfonso X y la cantiga 169 de Santa María”. In: *Cuadernos del Tomás*, no. 4, 2012, 111-120. Internet, <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4018436>.
- RAMÓN PENA, Xosé. “De Alcanate a Santa Maria do Porto: algunas reflexiões acerca da fronteira nas Cantigas de Santa Maria”. In: *Actas del XI Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*. León: Universidad de León, 2007, pp. 37-48.



FIDORA, Alexander (coord.). *Mirabilia 23* (2016/2)
Ramon Llull. Seventh centenary
Ramon Llull. Séptimo centenario
Ramon Llull. Sétimo centenário

Jun-Dez 2016/ISSN 1676-5818

- SABRE ANDREU, P. “San Juan Damasceno, ‘Diálogo entre un sarraceno y un cristiano’”. In: *Collectanea christiana orientalia* (CCO), n° 11, 2014, pp. 127-159.
- SANCHEZ-ARCILLA, J. “La obra legislativa de Alfonso X el sabio: historia de una polémica”. In: *Scriptorium alfonsí, de los libros de astrología a las “Cantigas de Santa María* (coord. Ana Domínguez Rodríguez, Jesús Montoya Martínez), 1999, pp. 17-8.
- SCARBORROUGH, C., “Recente scholarship on the Cantigas de Santa Maria”. In: *ALCANATE, Revista de Estudos Alfonsíes*, n. 2, 2000-2001, pp. 263-270. Internet, <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=259583>.
- VALDEÓN BARUQUE, J. *Alfonso X el Sabio: la forja de la España moderna*. Barcelona: RBA, 2006
- VALLVÉ BERMEJO, J., “Los Omeyas en Oriente”. In: *Historia* 16, no. 52, 1980, pp. 64-70.
- VEREZA, R. “Espaços de interação, espaços de conflito: a representação sobre os muçulmanos em Castela no século XIII”. In: *Revista do Mestrado de História* (Universidade Severino Sombra), v. 11, p. 85-100, 2009.
- VEREZA, R. “Reconquista: Guerra Santa ou expansão militar”. In: *I Encontro de História Militar antiga e Medieval*, 2011, Rio de Janeiro. Anais do 1º Encontro de História Militar Antiga e Medieval. Rio de Janeiro: CEPHiMEX, 2011. p. 40-53.